



# O FUTURO DO PASSADO

## POR UMA HISTÓRIA AFETIVA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL

*In memoriam*  
ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO  
\* 1934 † 2021

Um mesmo dia — 10 de julho de 2021 — conheceu a alegria de uma belíssima representação d’*As Rãs* de Aristófanes, direto do teatro antigo de Epidauro (na Grécia), e a tristeza da inestimável perda da Profa. Zélia de Almeida Cardoso (Universidade de São Paulo, USP). Embora nem todos tenhamos tido a felicidade e a honra de estudar a língua e a literatura dos romanos com a Profa. Zélia, seus textos permanecem abertos à posteridade como um convite a quem queira ir ao encontro da Antiguidade em sua companhia. Nós, da *Em Tese*, estivemos em contato virtual com ela nos últimos meses, graças à organização do presente dossiê, e conhecemos uma pessoa admirável nessa correspondência: uma vida dedicada ao ensino e à educação, uma disposição e um bom humor infalíveis, uma abertura de espírito que ainda não é comum mesmo entre classicistas mais jovens.

A entrevista que estávamos organizando com a Profa. Zélia ficará, infelizmente, para o reino dos projetos perfeitos (perfeitos porque confrontados com a impossibilidade mesma). Mas assumimos a tarefa de manter sempre acesa a memória de uma figura cuja vida e obra permanecem admiráveis em todos os aspectos. Uma prova disso encontra-se no belo texto com que ela contribui no presente volume, dedicado a revisitar a história das Letras Clássicas na USP. Outra prova é o testemunho que ela oferece numa transmissão ocorrida poucos dias antes de sua partida, durante o evento de celebração pelos 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.<sup>1</sup>

Temos a convicção — quase inconfessável — de que a Profa. Zélia teria gostado de saber que sua passagem se fez acompanhar não apenas de uma representação

dramática realizada em solo sagrado para os antigos (o teatro de Epidauro), com Dioniso, Ésquilo e Eurípides em cena, mas também pelo sorriso de quem continua a acreditar no poder transformador da poesia, da arte e da educação. Diante do panorama histórico que propomos no presente dossiê, intitulado *O futuro do passado*, não há dúvidas: a Profa. Zélia está em excelente companhia e há de continuar brilhando no palco de nossas memórias...<sup>2</sup>

O público da *Em Tese* compreenderá rapidamente que a história dos Estudos Clássicos no Brasil talvez não seja tão antiga quanto alguém poderia imaginar a princípio. É certo que a presença daquilo que se convencionou chamar de “Tradição Clássica” nessas terras pode remontar ao século XVI, com a invasão portuguesa e o processo de colonização, sobretudo a partir da chegada dos jesuítas em 1549 e sua consequente tentativa de adaptar

1. O link direto para o momento em que sua fala começa é este: <https://youtu.be/ziFGV584alk?t=2599>

2. O título *O futuro do passado* ecoa, involuntariamente, os brados conservadores de um livro publicado por Hilton Kramer e Roger Kimball, em 1997 (*The future of the European past*), e os tons progressistas do XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), de 2013 (“O futuro do passado”) — como gentilmente nos informou a Profa. Maria Cecília de Miranda N. Coelho. Saber conservar o passado, mas sempre com uma abertura progressista ao futuro: tal nos parece o sentido da fórmula que mantivemos, enriquecida aqui desses novos matizes.

a famosa *Ratio Studiorum* à realidade local. Desde esse período até os dias de hoje, bem ou mal, temos convivido com o ensino das línguas, literaturas e culturas das civilizações que consideramos “clássicas”, isto é, principalmente a romana e a grega antiga (ainda que tal definição não esteja isenta de disputas e tensões). Essa história conheceu muitos esplendores, com figuras do porte de um Gregório de Matos, um Pe. Antônio Vieira, um Cláudio Manoel da Costa e tantas outras, além de inúmeras peripécias, com a expulsão dos jesuítas (em 1759), a fundação do Colégio Pedro II (em 1836) e as primeiras publicações de traduções de obras clássicas no Brasil.

Já a fundação das primeiras universidades com cursos contendo disciplinas afins aos Estudos Clássicos é fenômeno muito mais recente pois data do início do século XX e isso explica uma série de particularidades da forma

como a área se desenvolveu por aqui. O tema aparece bem repertoriado pelo artigo de Eduardo Tuffani — ora publicado —, uma vez que demarca o contexto básico de implementação dos cursos de Letras Clássicas no Brasil e ajuda a situar os estudos de caso oferecidos por Adriane da Silva Duarte, Haiganuch Sarian, Ataliba T. de Castilho, Ana Maria César Pompeu e Orlando Luiz de Araújo: figuras fundamentais para os primórdios da área no país aparecem nesses trabalhos, como são os casos de Fernando Azevedo, Robert Henri Aubreton e Eleazar Magalhães Teixeira.

A partir de 1950, uma formação mais especializada em Estudos Clássicos torna-se possível, com a fundação dos primeiros cursos de pós-graduação, como indica o florescimento de publicações acadêmicas da área. O processo é coroado com a criação da Sociedade Brasileira de

Estudos Clássicos (SBEC), no ano de 1985, viabilizada pelo fim da ditadura e a implementação de um processo de redemocratização no Brasil. De lá para cá, a área conheceu avanços notáveis, ainda que esteja sendo posta à prova — junto com as Humanidades e outras áreas da educação — por uma crise profunda que tem atravessado o país e o mundo nos últimos anos. Sobre esses aspectos mais recentes, o artigo de Luiz Henrique Queriquelli e Thaís Fernandes oferece um excelente panorama crítico — com ênfase na história dos Estudos Clássicos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) —, dando abertura para o que demonstram os estudos de caso propostos por Matheus Trevizam, sobre seu percurso formativo na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Matheus Vargas de Souza, sobre o estudo do Sânscrito no âmbito da história dos Estudos Clássicos no Brasil. Essa primeira seção encerra-se com o artigo

de Rafael Guimarães Tavares da Silva, no qual propõe um panorama sociológico sobre classicistas atuando no país nos dias de hoje, a partir de uma perspectiva tanto crítica quanto propositiva.

Sem descurar da importância daquilo que acima chamamos de “Tradição Clássica” — uma vez que ela nos permite compreender a importância cultural de manifestações da Antiguidade Clássica em diferentes contextos históricos —, publicamos ainda as contribuições de Bruno Palavro, Ricardo Neves dos Santos, Hélio Gustavo S. Andrade, Lourdes M. G. C. Feitosa, Pedro Paulo A. Funari, Fábio Paifer Cairolli, Maria de Fátima Sousa e Silva, Felipe Coelho de Souza Ladeira e Roosevelt Rocha. Esses estudos repertoriaram a produção literária brasileira, autoral e em tradução, sugerindo diálogos entre José Bonifácio e João Félix Pereira com Hesíodo, Dom Pedro II

e o Barão de Paranapiacaba com Ésquilo, José Feliciano de Castilho com Ovídio, Luiz Vicente de Simoni com a tradição satírica latina, Agostinho Olavo, Chico Buarque, Paulo Pontes, Denise Stoklos e Nelson Rodrigues com Eurípides, além dos tradutores brasileiros de Píndaro com o poeta tebano e Autran Dourado com a literatura clássica de modo geral.

Esse conjunto de artigos é complementado ainda pelas entrevistas realizadas com três nomes fundamentais para o passado, o presente e o futuro dos Estudos Clássicos em nosso país: o Prof. JAA Torrano (USP), a Profa. Charlene Martins Miotti (Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF) e o Prof. Robert de Brose (Universidade Federal do Ceará, UFC). Os três são professores de importantes instituições brasileiras de ensino superior, trabalhando incansavelmente com diferentes aspectos dos Estudos

Clássicos nas últimas décadas. Nessas entrevistas, além de oferecer o espaço para que memórias afetivas sobre leitura e formação possam aparecer, abordamos temas fundamentais para a área, como a tradução dos clássicos, o ensino das línguas antigas, as teorias necessárias para uma abordagem contundente da Antiguidade no presente, os aspectos elitistas da história do campo, a importância da extensão universitária e de políticas afirmativas para contemplar a diversidade social e cultural do Brasil em seus quadros estudantis e profissionais etc. Embora não haja uma resposta consensual a essas questões, a oportunidade de debatê-las é fundamental para que a área continue a se renovar, conservando seu esplêndido potencial de reflexão para o futuro.

Todo esse material é coroado ainda pela parte de Poéticas do presente número, na qual contamos com belos

textos e imagens oferecidos por classicistas do Brasil como forma de refletir artisticamente sobre todos esses temas. Assim devem ser lidas as palavras de homenagem dirigidas por JAA Torrano, Paulo Sérgio de Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende às pessoas que desempenharam funções magistrais em seus percursos formativos, como é o caso de Oscarino da Silva Ivo, Ariovaldo Augusto Peterlini, Maria da Glória Novak, Ingeborg Braren, Flávio di Giorgi, Francisco Achcar, além da própria Zélia de Almeida Cardoso. Suplementarmente, publicamos os poemas autorais de Jacyntho Lins Brandão, Júlia Batista Castilho de Avellar, Bernardo Guadalupe Lins Brandão, Raimundo Carvalho, André Malta e A Cabocla Fabíola, acompanhados das ilustrações de Jean Tótola e das fotomontagens de Rafael Guimarães Tavares da Silva, que é o principal responsável pela organização do presente número sobre *O futuro do*

*passado*. A ideia das Poéticas é sugerir que as atividades de pesquisa e docência no campo dos Estudos Clássicos complementam a atuação artístico-literária desses estudiosos e constituem uma dimensão importante de seu engajamento com o mundo contemporâneo.

Na seção de Tradução e Edição, contamos com a contribuição de Júlia Batista Castilho de Avellar, que propõe um robusto estudo introdutório sobre questões de tradução e métrica, além de uma proposta de tradução poética da terceira carta das *Heroides* de Ovídio. Na sequência, temos ainda a proposta de Alice Vieira Barros — delineando um curioso diálogo com os poemas ovidianos de exílio —, a partir de seu estudo introdutório e sua proposta de tradução também poética da epístola que Aleksandr Púchkin dedica a Ovídio. Ambas as contribuições estão, de certa forma, afinadas



com o tema principal deste número da *Em Tese* e compõem diálogos silenciosos com outras contribuições já mencionadas antes.

Convidamos o público a ler e conhecer melhor todo esse material, pois acreditamos que a presente publicação oferece uma nova contribuição à bibliografia dedicada à história dos Estudos Clássicos no Brasil. Se é certo que a área tem sido afetada pelas crises sociopolíticas e econômicas atravessadas por nós nos últimos anos, temos a firme convicção de que o estudo do passado das Humanidades seja um dos caminhos mais promissores para quem busca encontrar as coordenadas em direção a um futuro capaz de ensejar uma nova ideia de humanidade por vir...

\*

Alice Carvalho Diniz Leite  
Camila Carvalho  
Clarissa Xavier  
Harion Custódio  
João Pedro de Carvalho  
Rafael Silva  
Tiago de Holanda Padilha Vieira